

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Diário da Serra Class.: Política Ind. Oficial
Data 09/04/89 Pg.: 1173

Dia do Índio: é proibido mentir

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS DUTRA

Todos os anos no dia 19 de abril é comemorado o Dia do Índio. Nas escolas, dezenas de crianças fantasiavam-se de índio. Professores e funcionários promovem jogos e brincadeiras folclóricas com temáticas indígenas. Para a alegria dos pais, os cocares de penas de galinha e as tanguas do sisal já tornaram-se tradicionais neste evento que às vezes dura uma semana. Neste período, entretanto, o que menos se ouve falar aos alunos é da realidade do Índio. Com raras exceções, isto é o que acontece nos bancos escolares: todos os anos reforça-se na compreensão da realidade brasileira este «folclore» em torno dos legítimos donos e primeiros habitantes deste País.

Esta prática, porém, não é fortuita. Numa rápida digressão histórica observamos que estes festejos, em sua maioria, retratam conteúdos simbolicamente pré-estabelecidos e com finalidades bem definidas. Retratam valores e designios convencionais — via de regra conservadores — que não somente buscam captar o real e prendê-lo a um modelo idealizado. O Índio que é inculcado e habita a criança de todos nós, neste dia, pula e brinca e quer apito. A escola, como instrumento e referencial da formação cultural da sociedade, consciente ou não, acaba por cumprir importante papel de sustentação ideológica.

A preocupação pretérita de cultivar os mitos, como o do bom selvagem, por exemplo, não é de hoje. Em 1346, em pleno romantismo e reflexo saudosista da Revolução Francesa, um neologismo entrou para a história carregando em sua hermenêutica a preocupação de valorizar o sentimento e a inspiração. Opondo-se à frieza do racionalismo cartesiano surge o termo «folklore», criado pelo arqueólogo inglês William Thoms, para designar as «antiquidades populares» que desejava salvar do esquecimento, através do registro e antiqários de preservação. E, isso passou a ter papel decisivo na vida da sociedade. A idéia de preservar os fatos «folclóricos», com o tempo, ganhou corpo e foi assumido pelo próprio Estado, integrando-se definitivamente à tradição das sociedades.

Acontece que a Tradição, no seu sentido latino «traditione» (entrego), ao repassar às gerações futuras o patrimônio cultural das comunidades, acabou por transformar os traços dessas comunidades. Como movimento ideológico, invariavelmente em mãos dominantes, a tradição distorceu o fato cultural, conferindo-lhe empréstimos e reinterpretações ao prazer de seus interesses. Seu dinamismo tornou-a submissa às influências do meio e dos segmentos sociais de poder. Em outras palavras, a tradição apresenta a manifestação cultural com a linguagem e o sentido que o «folclore» necessita para cumprir seu papel de sustentação da oligarquia que representa.

O chamado dia do Índio, hoje, tomou as mesmas cores folclóricas que a tradição das sociedades reservou à milhares de acontecimentos culturais. Realidades e fatos, culturas e povos, todos foram lidos e interpretados. Sempre na ótica do

colonizador. Os festejos deste dia, nestes moldes, nada mais são que demagógicas caricaturas, verdadeiros cultos ao mito «Índio» do passado. Acentua-se sua oca, arco e flecha. Oculta-se seus problemas, sua vida, o Índio hoje.

No âmbito oficial a maior parte das escolas e seus manuais didáticos, úteis ferramentas de imposição hegemônica sobre o pensamento da sociedade, passam uma visão preconceituosa e estereotipada da realidade indígena. Um dos responsáveis, o próprio Ministério da Educação e Cultura, assim como a tradição, como aparelho do Estado, nunca foi o resultado do saber e vontade política do povo. Portanto, como expressão do Governo da classe dominante, desconhece a realidade e a cultura deste povo. A escola, assim, justifica-se como instrumento de dominação mantendo a própria liberdade de pensamento sob tutela. «A cultura», diria Barbosa Lessa, «tem por finalidade, adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na sociedade».

Desta forma, os cocares e as tanguas somente dissimulam, através de uma visão genérica e equivocada, a realidade do Índio brasileiro. Enfatizando determinados aspectos míticos, como suas lendas, por exemplo, silenciam de forma sutil e etnocêntrica as contradições de classe dos grupos envolvidos na formação da sociedade brasileira. Aparentes festejos encobrem verdadeiras táticas de dominação — é a histórica contada pelo «branco» opressor. Foram os colonizadores que produziram os primeiros livros que ensinam, até os dias de hoje, a sua versão dos fatos. O diplomata e historiador Varnhagem que o diga.

Alienar consciências pode ser a preocupação de um Estado etnocêntrico e racista, porém, este pode não ser o desejo de seus cidadãos. Não somente a oficialidade, deve ser subvertida. É necessário insurgir-se pelas bases. Cada escola, cada professor, através de sua sala de aula deve ir modificando as distorções que são ministradas sobre a realidade indígena. Lenta e gradualmente pode-se ir desnudando o manto da ideologia que busca ocultar a injustiça, a discriminação e os direitos dos povos indígenas.

Há trinta anos atrás, no Brasil, nenhum jornal preocupava-se em publicar notícias de índios. Isto não interessava, na época. Hoje, porém, é possível coletar na imprensa uma série de assuntos relacionados com os povos indígenas. Este material pode ser de grande utilidade nas salas de aulas. Existe literatura especializada que auxilia a desmistificar conceitos fechados e cristalizados no saber vulgar, altamente nocivos à compreensão da realidade, dialeticamente entendida na nossa sociedade. Parafraseando aquele chefe de Estado, podemos enganar poucos por algum tempo, mas não podemos enganar todos por muito tempo. Choga de mentiras!

* Carlos Alberto dos Santos Dutra
(é teólogo e membro do Conselho Indigenista Missionário).